

DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO IV

Nº 44/46

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

“Quando nasci,
um anjo torto
desses que vivem
na sombra disse:
vai, Carlos!
ser *gauche* na vida”

Drummond

No meio do caminho tinha um poeta
tinha um poeta no meio do caminho...
Havia um poeta...
Já faz dez anos...

Biblioteca/CLDF

CONTRATO Nº 2810/97
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

IMPRESSO

ENTREVISTA
Um garimpeiro
da arte popular

A L T I M A R



P I M E N T E L

Um *garimpeiro*
da arte popular

□ João Carlos Taveira

Especial para a DF Letras

O Projeto chamado "Jornada de Contadores de Estórias da Paraíba" recolheu mais de 1.700 contos populares e conta, até o momento, com o maior acervo de narrativas populares da língua portuguesa. O acontecimento mais importante da Jornada, no entanto, foi a descoberta de Luzia Tereza dos Santos, de quem recolhemos 236 contos populares.

Com o desaparecimento de Câmara Cascudo e Veríssimo de Melo, Altimar Pimentel apresenta-se como um dos mais importantes pesquisadores da cultura popular brasileira. Apesar de ter retornado à Paraíba, depois de ter vivido muitos anos em Brasília, continua a manter fortes vínculos com a cidade.

Altimar Pimentel, com 24 títulos publicados, muitos dos quais pela Thesaurus, vem cultivando as amizades feitas em Brasília, principalmente as de Victor Alegria, Chico Expedito e Salomão Sousa, passando sempre por aqui quando vai rever seu filho e suas

netas, que residem em Formosa (GO).

Ainda recentemente, em carta dirigida ao poeta Salomão Sousa, chega-nos a confirmação de que Altimar Pimentel é das raras pessoas que ainda entendem que a solidariedade é necessária: "Os sucessos dos amigos, quando não cultuamos a inveja, nos fazem bem, porque é como se tivéssemos parte também na sua glória." Por sua relevante contribuição à cultura brasileira, Altimar Pimentel recebeu, em 1994, a Comenda do Mérito Cultural José Maria dos Santos, do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano; em 1995, a

Láurea Primus Inter Pares, outorgada pela Câmara do Livro do Brasil Central; e, em 1997, a Medalha do Mérito da Fundação Joaquim Nabuco.

Os últimos trabalhos de Altimar Pimentel incluem **Porto de Cabedelo**, história do ancoradouro paraibano, e as peças **Lampião Vai ao Inferno Buscar Maria Bonita** e **Como Nasce um Cabra da Peste**. Como encenador, montou na Fortaleza de Santa



Catarina em Cabedelo (PB), cidade em que reside, a peça de sua autoria, **Viva a Nau Catarineta**, com que a Fundação Fortaleza de Santa Catarina dá início às comemorações do V Centenário do Descobrimento do Brasil.

Pela importância também alcançada no meio acadêmico, a sua obra vem sendo examinada para tese de mestrado na Universidade Federal da Paraíba.

ENTREVISTA

DF Letras - Você é o único escritor paraibano que nasceu em Alagoas. Onde e quando?

Altimar Pimentel - Nasci no centro de Maceió, rua 16 de Setembro, em 30 de outubro de 1936. Meu pai era alagoano e veio trabalhar com um irmão mais velho que negociava em João Pessoa. Aqui conheceu minha mãe e casaram-se. Depois meu pai voltou a Maceió e lá eu nasci. Tenho um irmão, o único, paraibano. O resto da família nasceu em Maceió. Cheguei a João Pessoa em 1952, com 15 anos de idade. Toda a minha formação cultural é paraibana.

DF Letras - Qual a sua formação universitária? Foi professor da UFPB?

Altimar Pimentel - Tenho Licenciatura em Letras - Vernáculo - pela Universidade Federal da Paraíba e em Comunicação Social pelo Centro de Ensino Unificado de Brasília - CEUB. Lecionei a disciplina Evolução do Teatro e da Dança no então Departamento de Comunicação e Artes da UFPB. Fui um dos fundadores do Departamento, participando ativamente de sua implantação.

DF Letras - Quando escreveu a sua primeira peça encenada? Cite suas peças teatrais mais encenadas no País.

Altimar Pimentel - Em 1963 escrevi a peça *Casamento de Branco*, inspirada no teatro popular de fantoches - o *João Redondo* - que foi encenada sob a direção de Elpídio Navarro em 1964. Participamos, com esta montagem, de uma Semana de Teatro em João Pessoa e arrebataremos quatro troféus. As minhas peças mais conhecidas são: *A Construção* - premiada em 2º lugar em concurso nacional de dramaturgia promovido pelo Serviço Nacional de Teatro - SNT - e encenada pela primeira vez no Rio de Janeiro, no Museu de Arte Moderna, pelo grupo A Comunidade, sob a direção de Amir Hadad, em montagem que conquistou três prêmios Molière: direção, música e guarda-roupa, em 1969; *Auto da Cobija*, que é um bumba-meu-boi, com mais de 20 encenações em todo o Brasil - conquistou menção honrosa em concurso do SNT; *Auto de Maria Mestra*, inspirada nos autos pastoris - principalmente a *Lapinha* - que conquistou sete troféus no I Festival de Teatro Amador da Guanabara, em montagem

paraibana dirigida por Elpídio Navarro; *Alamoia*, Prêmio Nacional de Dramaturgia Sesc/Inacen, 1981; melhor autor do Festival Nacional de São Mateus (ES), 1986; *Flor do Campo* - 1º lugar no Concurso de Dramaturgia Sobre a Questão Agrária, Minc/Inacen/Mirad, 1987; *A Última Lingada* - menção honrosa em concurso nacional de dramaturgia, da Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul, 1976 e *Jacinta* - 3º lugar no Concurso Nacional de Dramaturgia - Prêmio Nelson Rodrigues - Inacen, 1987. Já escrevi 17 textos teatrais.

DF Letras - Ariano Suassuna influenciou sua opção pela dramaturgia?

Altimar Pimentel - Descendo de uma família, pelo lado materno - inclusive minha avó nasceu em Caicó, no Rio Grande do Norte - de cantadores de viola, autores de cordel e poetas eruditos, entre estes últimos situando-se Manuel Sabino Batista, radicado no Ceará, e meu avô, seu irmão Francisco das Chagas Batista - poeta de cordel e erudito. Acrescenta-se o romancista e articulista Pedro Batista. Sou também sobrinho de Paulo Nunes Batista, cordelista e autor erudito, e de Sebastião Nunes Batista, estudioso da literatura de cordel. Minha mãe foi atriz em João Pessoa e toda a minha infância esteve envolvida no mundo



do cordel, pois meu pai era revendedor de folhetos e algumas vezes eu o acompanhei em suas idas às feiras livres de Fernão Velho, em Alagoas. Ariano, como Hermilo Borba Filho, influenciou não na minha inclinação para o teatro, mas no tipo de teatro que faço. O meu teatro, como o de Ariano, de Luiz Marinho, de Racine Santos e muitos outros nordestinos, tem raízes profundas fincadas na terra e na cultura popular. Ariano veio primeiro e, naturalmente, pela importância e repercussão do seu teatro, influenciou a todos que vieram depois. Isto é o que chamamos de teatro nordestino, que teve como mentor Hermilo Borba Filho. Ariano é um escritor singular, tanto por sua dramaturgia, das mais importantes do Brasil, como por sua condição de romancista consagrado. A influência que dele tive foi muito salutar e enriquecedora. Mas meu teatro diferencia-se da dramaturgia de Ariano Suassuna em vários aspectos, principalmente em virtude de minha preocupação com reivindicações sociais.

DF Letras - Como foi a sua descoberta do folclore nordestino?

Altimar Pimentel - Essa pergunta em parte está respondida: nasci numa família tradicionalmente ligada à cultura popular. Depois fui trabalhar, bastante jovem ainda, no porto de Cabedelo. Ali travei conhecimento direto com o povo. Ouvi cantar cocos pelos trabalhadores do cais enquanto executavam suas tarefas. Fascinei-me com aqueles, como outrora me fascinavam os romances peninsulares cantados por minha avó ou por minha mãe.

Aproximei-me dos portuários cantadores de coco, frequentei os cocos realizados em Cabedelo e escrevi o meu primeiro livro sobre folclore: *O Coco Praieiro*. O mundo encantado de Cabedelo envolveu-me, estudei a *Barca*, o *João Redondo* (teatro popular de fantoches), os contos populares. Tudo foi deflagrado a partir do meu encontro com Cabedelo - a minha pátria *chica*. No cais tudo foi aprendido e do povo de Cabedelo recebi as lições de cultura que impregnaram meu teatro e todo o meu trabalho de estudioso da cultura popular.

DF Letras - Você e outros companheiros da Paraíba realizaram o maior projeto brasileiro de conto popular. Fale sobre ele.

Altimar Pimentel - O projeto chamado Jornada de Contadores de Estórias da Paraíba recolheu mais de 1.700 contos populares, e conta, até o momento, com o maior acervo de narrativas populares de língua portuguesa. A Jornada foi realizada basicamente entre 1978 e 1980, sob minha coordenação. Visitei 25 municípios da Paraíba e ouvi mais de trezentos narradores. O acontecimento mais importante da Jornada, no entanto, foi a descoberta de Luzia Tereza dos Santos, de quem recolhemos 236 contos populares. Ela é a maior narradora de que tenho notícia. Se Sherazade não fosse um mito, seria, evidentemente, sua rival. Mas nem nas *Mil e uma Noites* foram narrados exatamente mil e um contos, pois a expressão quer dizer apenas muitas noites, nem a sultana teve vida real. Trabalhamos com Luzia Tereza dos Santos durante

cinco anos e a recolha só foi interrompida com a sua morte, pois, ainda no hospital em que morreu, ela amenizava os sofrimentos dos doentes narrando estórias. E nos seus últimos dias de vida, já pressentindo a morte próxima, declarou em entrevista: "Tanta história eu tenho ainda pra contar..."

DF Letras - Nélson Rodrigues é mesmo o maior dramaturgo brasileiro deste século?

Altimar Pimentel - A obra de Nélson Rodrigues é bastante extensa.

DF Letras - Quais os outros autores teatrais que você destaca além de Nélson e Ariano?

Altimar Pimentel - A lista é longa e temo cometer omissões. Entre os nordestinos gosto muito de Luiz Marinho, Racine Santos e Francisco Pereira (do Piauí). Há, em termos de Brasil, a obra de Oduvaldo Viana Filho e Jorge de Andrade, dois excelentes dramaturgos. Também Dias Gomes. São autores que retratam o nosso povo, o nosso momento histórico. Eles realmente são importantes para a dramaturgia brasileira. Paulo Pontes, por exemplo, foi mais um pensador político do que um dramaturgo. Hermilo Borba Filho, mentor do teatro nordestino, grande romancista, foi um bom dramaturgo, mas sobretudo um teórico que levou ao palco as suas teorias de um teatro brasileiro a partir de sua experiência de nordestino, somadas a todo o conhecimento dramático universal.

DF Letras - Que tal o movimento cultural, hoje, em João Pessoa?

Altmar Pimentel - Já se disse que nós temos muito espaço e pouca cultura, numa alusão ao Espaço Cultural José Lins do Rego. Na verdade, a Paraíba tem-se destacado principalmente nas artes plásticas, com artistas de renome internacional. O teatro também tem rendido bons resultados, haja vista o sucesso recente de *Vau de Sarapalha*. Temos festivais estaduais e dois de âmbito nacional - um em Campina Grande e outro em João Pessoa. O de Campina Grande já atingiu a vigésima edição. Temos uma boa orquestra sinfônica e há bons compositores e executantes de música popular. Padecemos, no entanto, a falta de um plano cultural do poder público mais eficiente, em virtude da carência de verbas para a cultura. Vale salientar que na área do Conselho Estadual de Cultura e da Secretaria de Educação e Cultura, no que se refere a publicações, está sendo realizado um trabalho do maior interesse cultural com a edição de obras básicas, principalmente na área da historiografia e das artes, através da Biblioteca Paraíba, que já conta com 14 obras editadas. Há também a publicação quinzenal do suplemento literário de *A União*, o *Correio das Artes*.

DF Letras - O que acha da obra memorialista de Ascendino Leite?

Altmar Pimentel - Ascendino Leite é atualmente o mais importante intelectual da Paraíba e um dos maiores de toda a nossa literatura. Em termos de Brasil, a sua obra tem merecido o aplauso dos mais expressivos intelectuais nacionais. Como crítico, romancista e poeta, além de articulista, realizou obra de grandes méritos que está a merecer a consagração da Academia Brasileira de Letras.

DF Letras - Conheceu Cascudo? Qual a sua opinião em torno da obra do mestre potiguar?

Altmar Pimentel - Visitei duas ou três vezes Cascudo, em Natal. Em Bra-

sília, quando trabalhava no *Correio Braziliense*, tive oportunidade de entrevistá-lo. Certa vez, em visita que lhe fiz em companhia de todos os membros do Conselho Estadual de Cultura da Paraíba, do qual eu fazia parte, exaltei-lhe a obra, em elogio rasgado. Ele disse: "Meu filho, isso que você está dizendo não é verdade. Mas repita, repita!" Esta é a imagem que guardo do homem Luís da Câmara Cascudo e que é reforçada por biógrafos como Diógenes Cunha Lima e por amigos como você, Veríssimo, Racine Santos e outros natalenses que cultivam a arte do bom "papo" como ninguém mais. Com relação à obra de Cascudo, quem neste país, ao escrever sobre cultura popular, nela não se louva?

Livros como *Vaqueiros e Cantadores*, *Literatura Oral*, *Antologia do Folclore Brasileiro*, *Dicionário do Folclore Brasileiro*, *Contos Tradicionais do Brasil*, *Superstições e Costumes* são de consulta indispensável a quem escreva sobre o povo brasileiro. Embora não tenha tido a felicidade dos natalenses de tê-lo à mão, estudei em seus livros e neles tudo aprendi. Os outros que compulsei ampliaram meu conhecimento, mas a base, o iniciador e desbravador para mim, foi Cascudo, a sua obra. O espaço não comporta análise, mas é imperioso repetir que a obra de Cascudo em seu conjunto é uma das vigas principais da cultura brasileira.



**Luzia Tereza
foi a "Sherazade" do
sertão nordestino**

DF Letras - E Gilberto Freyre? O que acha de sua obra de antropólogo e escritor?

Altmar Pimentel - Critica-se a metodologia de Gilberto Freyre, principalmente os militantes da esquerda. Mas, indiscutivelmente, Gilberto Freyre foi um dos melhores escritores de língua portuguesa. Ninguém cita tão bem como ele - constrói o período de tal forma que a citação fica incluída no seu pensamento, como um só bloco. *Casa Grande & Senzala* inclui-se entre as obras clássicas da cultura brasileira tanto pela documentação como pelo estilo do escritor, que a eleva à categoria das obras indispensáveis. Apenas uma vez fui apresentado a Gilberto Freyre, por Virgínius da Gama

e Melo, que fora a Recife, a seu convite, participar de um Seminário de Tropicologia. Dele conheço apenas o escritor, que se coloca ao lado de um Euclides da Cunha, por exemplo.

DF Letras - E o grande José Américo de Almeida? O que nos diz sobre ele?

Altmar Pimentel - Deste sou suspeito para falar, pois dele só recebi gestos de amizade e consideração que ampliaram sobremodo a admiração que lhe devotava desde a juventude. Escritor primoroso, perspicaz, inovador da literatura brasileira, que, com ele, inaugurou o "romance nordestino", sem o lirismo de um Coelho Neto, mas com uma profundidade de observação de nossa realidade inédita. E

mais do que isto: um enfoque social. Seus personagens fazem parte da chamada "arraia miúda": trabalhadores de eito, vaqueiros, homens simples do povo. Do sofrimento da terra e de sua gente ciclicamente vítima das intempéries climáticas compôs um painel crítico pungente pelo realismo, sem exageros, sem pieguismo. O político foi a confirmação telúrica do romancista. Tudo fez pelo Nordeste. Participou da dor da terra. Incorruptível, recusou um cheque em branco da Light e publicou-o nos jornais. De grande coragem parlamentar, proferiu discurso de elogio a Carlos Prestes quando o Partido Comunista Brasileiro foi posto na ilegalidade e o seu líder perdeu a cadeira que tinha no Senado Federal. Somente José Américo de Almeida teve a coragem de protestar contra a cassação de Prestes, no famoso discurso que proferiu no Senado Federal intitulado Discurso da Cadeira Vazia. Criou a Universidade da Paraíba e foi o seu primeiro reitor. Para não me tornar enfadonho deixo de louvar-lhe outros tantos feitos, lembrando, por último, que durante o regime militar de 64 a muitos ele ajudou, como a mim, impedido de obter um emprego por causa da ficha política e que, graças a sua interferência, pude exercer a minha profissão de jornalista no Ministério da Agricultura e dar sustento a minha família.

DF Letras - Quais os três livros que levaria para uma ilha deserta?

Altimar Pimentel - Nunca me imaginei em uma ilha deserta e não iria para nenhuma por vontade própria senão bem acompanhado. Mas, suponhamos possível a circunstância. A pergunta, por outro lado, é muito restritiva e leva a omissões. Mesmo assim, corro o risco de in-

dicações de autores cujas obras mais me impressionam. Uma obra de Dostoiévski - pode ser *Crime e Castigo* ou *Recordação da Casa dos Mortos* -, uma obra de Shakespeare - talvez o *Hamlet* - e, por último, Machado de Assis - *Dom Casmurro*, *Quincas Borba*, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Poder-se-á dizer que com essas obras terminarei por cometer suicídio. Mas valerá a pena viver numa ilha deserta?

DF Letras - Quais os poetas brasileiros contemporâneos de sua preferência?

Altimar Pimentel - Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Cecília Meireles.

DF Letras - Ninguém sabe no Brasil o que se edita do Amazonas ao Rio Grande do Sul. O que achou do

projeto do Veríssimo de Melo pela criação de um Boletim Bibliográfico Nacional?

Altimar Pimentel - Veríssimo de Melo é um escritor por vocação, nato. E, como tal, preocupado com a literatura em todos os seus níveis. Homem de idéias lúcidas e brilhantes, já havia chamado a atenção para o problema das ilhas culturais deste País-continente. (Sua morte significa uma grande perda para o Brasil e, principalmente, para mim, que privava da sua amizade e da sua deferência.) Evidentemente o insulamento em que vivemos nós, do Norte e Nordeste, como também do Centro-Oeste ou mesmo do Sul do Brasil, está a reclamar por parte do Governo Central uma política que contemple todas as regiões do País e não seja direcionada prioritariamente para o eixo Rio - São Paulo. O projeto do Boletim Bibliográfico Nacional viria aproximar essas regiões, permitindo-nos o conhecimento editorial de todo o Brasil. Isto já seria um mecanismo de aproximação das nossas ilhas culturais.

DF Letras - Num artigo que escreveu sobre escritores do Rio Grande do Norte, você vislumbrou certa tendência entre eles pelo gosto da conversação. Mantém a observação?

Altimar Pimentel - Os amigos que tenho em Natal, e não são poucos para uma pessoa do meu temperamento um tanto arredio, são pessoas afáveis, de fino trato, e sobretudo grandes conversadores. Daqueles com quem a gente deixa rolar a noite toda alongando a conversa, esquecido do tempo, porque são pessoas sempre interessantes, inteligentes, que se renovam, não se tornando repetitivas. São possuidoras de um humor que encanta. Têm verve. Assim era meu caro e saudoso



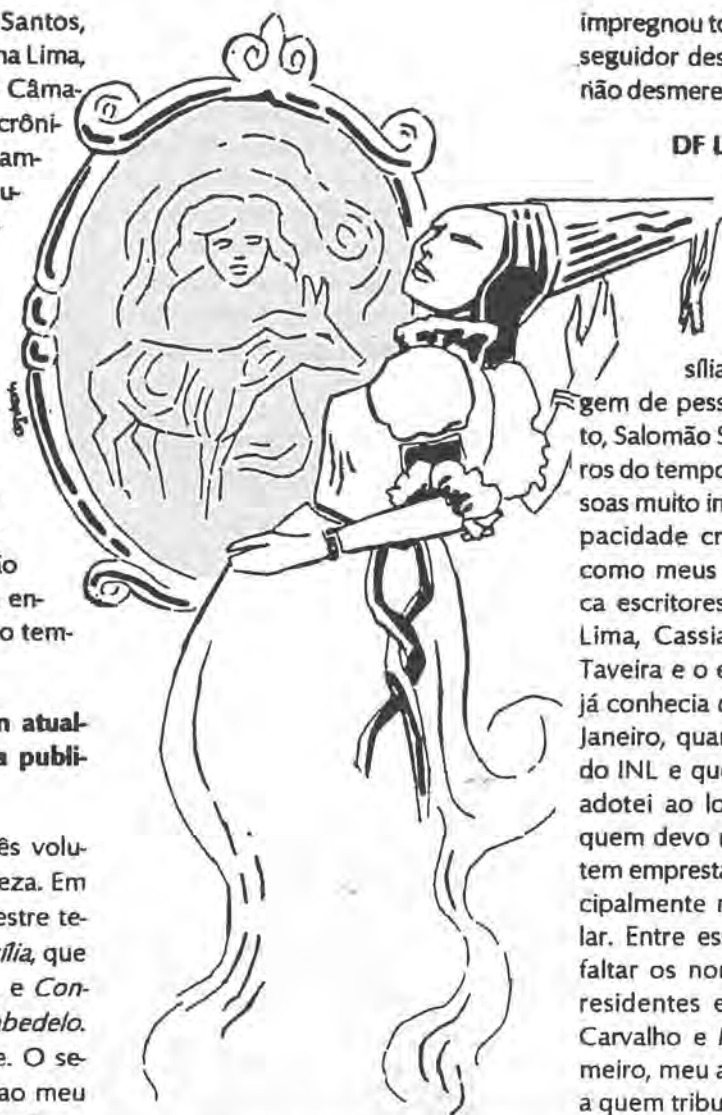
Veríssimo de Melo, Racine Santos, Carlos Furtado, Diógenes Cunha Lima, Iaperi Araújo e o próprio Luís Câmara Cascudo que, a julgar pela crônica oral, foi o mestre de todos também neste aspecto. Eles possuem o encantamento da cidade de Natal. Não sou muito viajante, mas gosto de ir a Natal - certamente a única cidade fora da Paraíba em que me sinto à vontade, como se estivesse em casa. E olhe que já morei no Rio de Janeiro - hoje uma cidade temível - e em Brasília, de que gosto muito! Mas em Natal, são a cidade e as pessoas que me encantam - unem-se para tornar o tempo agradável.

DF Letras - Que livros tem atualmente na gaveta para futura publicação?

Altmar Pimentel - Mais três volumes das Estórias de Luzia Tereza. Em preparo para ainda este semestre tenho *Contos Populares de Brasília*, que o editor já está me cobrando, e *Contos Populares da Paraíba - Cabedelo*. Com eles concluo o semestre. O segundo semestre vou dedicar ao meu teatro - escrever uma peça teatral que anda me angustiando e reescrever, dar forma definitiva, a todas as demais. Vou parar por algum tempo os trabalhos na área da cultura popular e voltar ao teatro de que andei afastado.

DF Letras - Você se orgulha de ser descendente direto dos Nunes Bastistas - os maiores produtores de literatura de cordel do Nordeste?

Altmar Pimentel - Sem dúvida. Esta foi e será a maior e mais perene influência que sofri em minha formação. Meu pai, embora não tenha sido poeta popular como minha mãe, foi vendedor de folhetos e eu, seu ajudante. Minha infância foi toda embalada pelos versos dos folhetos, por contos populares, pelo romanceiro peninsular. Minha mãe e minha avó eram as



transmissoras de toda essa sabença. Minha mãe, como você sabe, foi a única mulher a escrever folhetos de cordel. Meu avô, na opinião de Orígenes Lessa, que o confidenciou a mim pessoalmente, foi o maior poeta cordelista do Nordeste. Era um homem de boa cultura universal e leitor assíduo de jornais e revistas que lhe chegavam regularmente na qualidade de livreiro. Poeta erudito, escreveu o livro de poemas *A Lira do Poeta* e organizou uma antologia de poetas românticos nacionais e portugueses, intitulada *Poesias Escolhidas*, em que incluiu também obras de sua autoria. Gostava em particular de escrever paródias aos trabalhos de grandes poetas, como Castro Alves. Esta herança cultural, nada desprezível, tem para mim a mais grata significação e

impregnou toda a minha obra. Sou um seguidor desses ancestrais e procuro não desmerecer a obra que realizaram.

DF Letras - O que tem a contar sobre o tempo vivido em Brasília?

Altmar Pimentel - Com relação ao meu tempo em Bra-

sília, guardo a melhor imagem de pessoas como Chico Expedito, Salomão Sousa, ambos companheiros do tempo de CEUB, e que são pessoas muito inteligentes e de grande capacidade criadora. Também incluo como meus bons amigos dessa época escritores como Zita de Andrade Lima, Cassiano Nunes, João Carlos Taveira e o editor Victor Alegria, que já conhecia do meu tempo de Rio de Janeiro, quando era assessor cultural do INL e que é como um irmão que adotei ao longo da minha vida e a quem devo muito, pelo estímulo que tem emprestado ao meu trabalho, principalmente na área da cultura popular. Entre esses amigos não podiam faltar os nomes de dois paraibanos residentes em Brasília: Vladimir de Carvalho e Manfredo Caldas. O primeiro, meu amigo desde a juventude, a quem tributo a mais profunda admiração pelo invejável talento criador. O segundo, cineasta várias vezes premiado, mais jovem, porém não menos talentoso, a quem me unio pela identidade de interesses sistemáticos culturais a que se somam admiração e estima.

DF Letras - O que espera de melhor para o Brasil no próximo século?

Altmar Pimentel - Justiça social, redução das desigualdades, vida digna para a legião de miseráveis. Não basta que tenhamos pão à mesa, é indispensável que ninguém deixe de tê-lo. Todos devem ter iguais oportunidades de estudar e ganhar o sustento para si e para sua família. Isto, para mim, seria o presente do próximo século: saldar os débitos sociais.